

## A PROPÓSITO DE LINGÜÍSTICA APLICADA

Marilda C. Cavalcanti (UNICAMP)

A Linguística Aplicada, uma área de investigação que ainda não completou cinquenta anos, foi vista por muito tempo como uma tentativa de aplicação da Linguística (Teórica) à prática de ensino de línguas. Tal visão enviesada distorcia a trajetória de pesquisa e o foco de ação da Linguística Aplicada (LA daqui por diante). No caso da trajetória de pesquisa, esta visão equacionava a LA com a aplicação de teorias linguísticas, e no caso do foco de ação, equacionava a LA com o ensino de línguas estrangeira e materna, ou seja, com a elaboração e utilização de técnicas de ensino. São estes os dois pontos de enfoque deste artigo para fundamentar uma visão de LA que vê como objetivo desta a identificação, a análise de questões de uso<sup>1</sup> de linguagem dentro ou fora do contexto escolar e a sugestão de encaminhamentos para estas questões.

### A TRAJETÓRIA DE PESQUISA EM LA

O falso equacionamento<sup>2</sup> da LA com a aplicação de teorias linguísticas foi alimentado em dois períodos da história da Linguística, isto é, no estruturalismo e no gerativismo. No primeiro caso, são os próprios linguistas aplicados que alimentam este equacionamento quando rompem com o subjetivismo da gramática tradicional e abraçam o estruturalismo e sua metodologia para a elaboração de material didático. No segundo caso são os linguistas, que deslumbrados com as possibilidades do modelo gerativista, traduzem as regras T em regras de ensino, por exemplo, Thomas (1965), apesar das refutações de possibilidades de aplicação do modelo, por exemplo o artigo de Chomsky (1966). Passada a fase de deslumbramento com uma e outra teoria, não se encontram mais defensores hoje para a aplicação direta das teorias ao ensino de línguas, contudo, apesar da evidência em contrário, alguns leigos na área continuam a equacionar Linguística Aplicada com aplicação de teorias linguísticas. Não é esse o caso de linguistas aplicados tais como Spolsky, Strevens e Widdowson.

Spolsky (1980:67) afirma que a LA é mais ampla do que a aplicação de teorias linguísticas. Com efeito, para pesquisar questões de uso de linguagem, a LA busca

parte de seus subsídios teóricos na Linguística e parte em outras áreas de investigação tais como a Psicologia, a Sociolinguística, a Antropologia, a Educação, a Filosofia, a Etnografia da Fala.

Para Strevens (1980:18), a LA procura intravisiões de "toda e qualquer fonte" e embora a LA seja essencialmente multidisciplinar devido à natureza variada de suas preocupações, sua teoria e metodologia não são monopolizadas por nenhuma área de investigação nem mesmo pela Linguística. É importante frisar neste ponto que os subsídios linguísticos não são necessariamente os mais relevantes para a pesquisa em LA. Widdowson (1980:87) sugere que a Linguística tem por objetivo representar a língua formal analiticamente. À Linguística Aplicada interessa, porém, a realização comunicativa da língua natural. Nesse sentido, os resultados de pesquisa da Etnografia da fala (vide Gumperz e Hymes, 1972) são mais relevantes para a LA. Cabe, portanto, ao linguista aplicado decidir qual a relevância dos subsídios provenientes da Linguística para a questão em estudo. Deve-se ressaltar, no entanto, que no momento atual as tendências da Linguística centradas no discurso são de interesse para as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em LA, e.g. interação professor-aluno em sala de aula, compreensão em leitura, discurso assimétrico do tipo dentista-paciente.

A LA trabalha em recortes multidisciplinares, isto é, com o auxílio de resultados de pesquisa em outras áreas de investigação. Em seu percurso, a pesquisa em LA reforça procedimentos sistemáticos que vão consolidando sua área de atuação e seus métodos específicos de trabalho.

O percurso de pesquisa em LA tem seu início na detecção de uma questão específica de uso de linguagem, passa para a busca de subsídios teóricos em áreas de investigação relevantes às questões em estudo, continua com a análise da questão na prática, e completa o ciclo com sugestões de encaminhamento. Essa trajetória, diagramada na Fig. 1, difere do caminho da pesquisa em Linguística que tem como ponto de partida uma teoria linguística, recorre ou não a uma questão da prática, e volta à teoria objetivando sua confirmação ou refutação através da descrição e análise de dados.

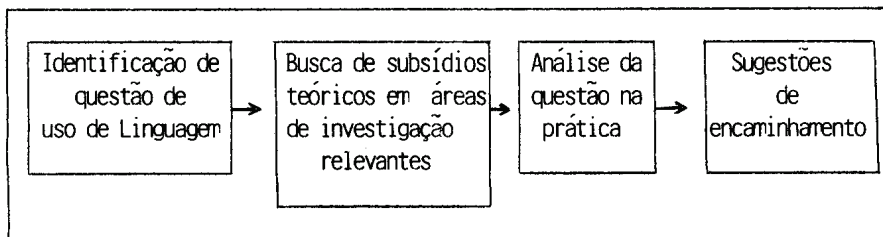


Fig. 1 - A trajetória de pesquisa em LA.

Para explicitar a diferença no percurso de pesquisa em LA e em Linguística, consideremos os exemplos a seguir. Um linguista interessado em cláusulas relativas toma

como ponto de partida uma teoria gerativa, coleta um corpus (por exemplo redações escritas no vestibular) e depois de descrever e analisar esse corpus, volta à teoria para confirmá-la ou para propor modificações. Um linguista aplicado interessado em inferências lexicais, detecta um problema de inferência lexical a nível de força ilocucionária na leitura de texto expositivo por crianças de 5a. série de 1º grau. Busca subsídios teóricos na Análise do Discurso e Pragmática, em Psicologia Cognitiva, em Inteligência Artificial e em Sociolinguística. Elabora testagens, aplica-as, procura uma solução para a questão e propõe encaminhamentos na forma de sugestões para preparação de material didático.

Em sua trajetória de pesquisa, a LA pode contribuir para o desenvolvimento de teorias linguísticas ou de teorias em outras áreas de investigação. Necessariamente, porém, a LA tem por finalidade aperfeiçoar seus próprios modelos teóricos e sua metodologia.

Em LA se faz tanto pesquisa qualitativa quanto quantitativa, sendo que a combinação dos dois tipos parece desejável. A decisão sobre o tipo de pesquisa depende necessariamente do problema em questão.

Para exemplificar pesquisa de natureza qualitativa, cito Cavalcanti (1983) que estudou a pragmática da interação leitor-texto em língua estrangeira enfocando itens lexicais-chave como fonte de problemas potenciais em leitura. Para verificar o ponto de vista do leitor sobre problemas encontrados durante a leitura de um texto acadêmico, a pesquisadora utilizou a técnica introspectiva de protocolo verbal adaptada às exigências do problema em estudo o que resultou em protocolos de pausa. Na técnica<sup>3</sup> de protocolo verbal, o informante verbaliza seu pensamento durante a solução de um problema. No caso do protocolo de pausa, a verbalização só ocorre quando o informante nota que está fazendo uma pausa durante sua leitura, isto é, quando tem uma surpresa: ou porque encontrou um problema ou porque se deparou com algo interessante. Esses protocolos gravados, não tratados estatisticamente, são analisados e interpretados qualitativamente através da codificação de categorias.

Para exemplificar pesquisa de natureza quantitativa, cito Almeida Filho (1984) que estudou as manifestações de coesão e coerência na escrita de textos acadêmicos argumentativos. Os dados foram tratados estatisticamente enquanto se buscaram variáveis múltiplas como tipos e sub-tipos de coesão, distância entre pares coesivos, a direção dos laços (para dentro do texto ou para fora no contexto de situação) e um índice construído de coerência global. Essas variáveis múltiplas foram tratadas através de correlações estatísticas e regressões múltiplas onde se buscaram vínculos entre elas. Além do mais, buscou-se ainda a comparação das configurações das variáveis no desempenho escrito de sujeitos que escreviam na L<sub>1</sub> e em uma L<sub>2</sub> na qual eram proficientes.

Combinando os dois tipos de pesquisa, há o estudo desenvolvido por Allwright (1980) que investiga a interação professor-aluno em sala de aula. Nessa pesquisa foram feitas vinte horas de gravações em áudio de alunos de inglês como segunda língua na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Tendo como foco de pesquisa a natureza

da participação de qualquer aprendiz em particular em quaisquer eventos na sala de aula, o primeiro estágio da pesquisa, que realiza uma macro-análise da tomada de turnos, de tópicos e de tarefas, foi tratado quantitativamente. O segundo estágio, que é uma micro-análise, isto é, um estudo de caso extraído dos dados do primeiro estágio, foi tratado qualitativamente. A conclusão principal do estudo é que é possível sistematizar em uma variedade de níveis de refinamento a interação professor-aluno de línguas.

## O FOCO DE AÇÃO DA LA

O tradicional equacionamento da LA com o ensino de línguas tem origem muito provavelmente no incentivo à pesquisa sobre procedimentos de ensino/aprendizagem de línguas na Europa e Terceiro Mundo (vide Strevens, 1980:29) promovido por agência de difusão cultural e de pesquisa tal como o Conselho Britânico, a USIS e o Consulado Francês. Dada a demanda no ensino de línguas, foram criados vários programas de treinamento, re-treinamento e pós-graduação de especialistas que se preocupavam não apenas com o ensino mas também com a aprendizagem de línguas. Conseqüentemente, o ensino/aprendizagem de línguas, principalmente língua estrangeira, torna-se a área da LA que mais atenção recebeu até o momento. Essa atenção, que se traduz mais nas técnicas usadas em sala de aula (do que na reflexão sobre abordagens de ensino de línguas), distorce o foco de ação da LA.

Uma vez que a LA se interessa por problemas de uso de linguagem (em L<sub>1</sub>, L<sub>2</sub> ou LE)<sup>4</sup> dentro ou fora do contexto escolar, vejo seu foco de ação como sendo a interação face-a-face (conversação) ou ouvido-a-ouvido (conversação telefônica) e a interação à distância mediada pelo texto. Estes dois tipos de interação em sua abrangência incluem o ensino de línguas.

Na relação dialógica face-a-face, seja ela simétrica ou assimétrica<sup>5</sup>, pode-se enfocar, por exemplo, interações em comunicação social que envolvam interações dentro de relações de amizade caracterizadas por equilíbrio de poder, e interações dentro de relações de trabalho caracterizadas por desequilíbrio de poder, por exemplo, o indivíduo, de um lado, e a máquina burocrática, o sistema acadêmico, a escola, de outro lado.

Na interação à distância mediada pelo texto (escrita-texto-leitura e fala-gravação-audição), pode-se enfocar situações-problema em que o indivíduo lê ou produz um texto oral ou escrito. Esses textos-problema em potencial para o profissional no exercício de sua profissão poderiam ser de qualquer domínio<sup>6</sup> de experiência de linguagem: textos acadêmicos, jornalísticos, literários, publicitários, propangandísticos, comerciais (correspondência), burocráticos. Poderiam ser também textos produzidos para programas de rádio ou televisão, textos de planejamento de cursos, de material didático, de testes de avaliação de rendimento e proficiência, de traduções, de interação em sala de aula.

A listagem acima, embora não exaustiva, não é simplesmente exploratória uma vez que existe pesquisa realizada ou em andamento na maior parte desses domínios da LA. Consulte-se, por exemplo, a obra Linguistics and the Professions, organizada por Di Pietro (1982). Ressalvando-se que o autor ainda vê a LA como aplicação de teorias linguísticas, a organização da apresentação das pesquisas em LA é muito próxima da listagem de domínio de experiência da linguagem sugerida. O organizador da obra relaciona as pesquisas ao profissional da medicina, da advocacia, do serviço público e do comércio. Também Crystal (1981:12) faz este tipo de relação quando afirma que a LA tem como propósito "examinar de modo sistemático as dificuldades encontradas pelos indivíduos no exercício de suas profissões".

Na figura 2 retorno o objetivo da LA relacionando-o a seu foco de ação. Nessa figura o objetivo da LA aparece subdividido enfocando o contexto social mais amplo, isto é, as situações do cotidiano tais como ocorrem em família, no trabalho, em repartições públicas, e no contexto escolar. Esse objetivo é também explicitado em termos da identificação de questões de uso de linguagem e da otimização de desempenho do profissional, do usuário e do aprendiz.

## CONCLUSÃO

A LA é abrangente e multidisciplinar em sua preocupação com questões de uso de linguagem. Ela tem um objeto de estudo, princípios e metodologia próprios, e já começou a desenvolver seus modelos teóricos. Dada sua abrangência e multidisciplinaridade, é importante desfazer os equacionamentos da LA com a aplicação de teorias linguísticas e com o ensino de línguas. No primeiro caso, é necessário salientar que o termo "Linguística Aplicada a..." é inapropriado uma vez que em LA não se aplica a Linguística seja, por exemplo, ao ensino de línguas, seja à interação médico-paciente. A pesquisa em LA é mais complexa do que um exercício de aplicação de teorias. A denominação "Linguística Aplicada: Interação Médico-Paciente" ou "Linguística Aplicada: Ensino de Línguas" é mais apropriada ao trabalho desenvolvido em LA, uma vez que chama a atenção sobre o objeto de estudo. Quanto ao equacionamento da LA com o ensino de línguas, minha preocupação, enquanto pesquisadora interessada precisamente na área de ensino de línguas materna e estrangeira, está no fato da LA não ser compreendida em sua abrangência. É neste sentido que a visão de LA deve ser ampliada para que o equacionamento seja, não ao nível do ensino de línguas, mas ao nível de questões de uso da linguagem na escola ou em um contexto social mais amplo.

---

## NOTAS

Meus agradecimentos aos colegas Angela Kleiman e José Carlos Paes de Almeida Filho pela leitura do manuscrito e comentários e sugestões valiosos.

FOCO DE AÇÃO OBJETIVO	I N T E R A Ç Ã O	
	FACE-A-FACE (compreensão oral e conversação)	À DISTÂNCIA MEDIADA PELO TEXTO (leitura e produção de texto)
IDENTIFICAÇÃO DE QUESTÕES DE COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE PARA APOIO NA OTIMIZAÇÃO DO DESEMPENHO DO PROFISSIONAL E DO USUÁRIO	<p><b>RELACIONES SIMÉTRICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Amigos</li> <li>. Colegas de trabalho, de curso, de associações de classe</li> </ul> <p><b>RELACIONES ASSIMÉTRICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Profissional liberal (ex. médico, dentista, advogado) - usuário (paciente, cliente)</li> <li>. Profissional do serviço público (funcionário público, ex. policial) - usuário (cidadão)</li> <li>. Superior hierárquico (ex. chefe) - subalterno (ex. empregado)</li> <li>. Adulto/criança parte de um grupo de maioria/poder (ex. alfabetizado, ouvinte, falante de L<sub>1</sub>) - adulto/criança parte de um grupo de minoria sem poder (ex. analfabeto, não ouvinte, índio, estrangeiro).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. da área de atuação do profissional (ex. texto científico em LE para o pesquisador) e/ou de necessidade para o usuário (ex. informações ao público sobre ônibus urbano)</li> </ul>
IDENTIFICAÇÃO DE QUESTÕES NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS (L <sub>1</sub> , L <sub>2</sub> LE) PARA APOIO NA OTIMIZAÇÃO DO DESEMPENHO DO PROFISSIONAL	<p><b>RELACIONES SIMÉTRICAS OU ASSIMÉTRICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Professor-professor</li> <li>. Professor-aluno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Interação em sala de aula</li> <li>. Planejamento de cursos de línguas</li> <li>. Avaliação de rendimento e proficiência</li> <li>. Avaliação e produção de material didático</li> </ul>
E DO APRENDIZ	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Professor-aluno</li> <li>. aluno-aluno</li> <li>. aluno-gravador</li> <li>. aluno-monitor de vídeo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Científico</li> <li>. Literário</li> <li>. Jornalístico</li> <li>. Publicitário</li> <li>. Propagandístico</li> <li>. Burocrático</li> <li>. Legal</li> <li>. Comercial</li> </ul>

Fig. 2      Objetivo e foco de ação em LA



1. "Uso" aqui utilizado como termo técnico conforme Widdowson (1978: 6), refere-se à função e contrapõe-se à forma (usage) da língua.
2. Esse equacionamento foi ainda acentuado pelo próprio termo LA que sugere a possibilidade de aplicação de teorias linguísticas. Não é de interesse, porém, questionar o uso de um termo que está efetiva e afetivamente consagrado pelo uso, por exemplo, na denominação de associações como AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada), BAAL (Associação Britânica de Linguística Aplicada), e AAAL (Associação Americana de Linguística Aplicada).
3. Nesta técnica, que tem origem na Teoria de Solução de Problemas (vide Newell e Simon, 1972), as sessões são gravadas em áudio.
4. L<sub>1</sub> = língua materna; L<sub>2</sub> = segunda língua, e.g. a língua portuguesa nas comunidades indígenas; e LE = língua estrangeira, e.g. a língua inglesa no Brasil.
5. Para Brown e Levinson (1978: 79), as relações de diálogo são explicadas através do parâmetro distância social versus poder do indivíduo. Uma relação é simétrica quando não há distância social, o poder sendo então equilibrado, e.g. dois diretores de empresas ou dois amigos. A relação é assimétrica quando há distância social e desequilíbrio de poder, e.g. chefe-empregado.
6. De acordo com Crystal (1981:3) "qualquer domínio reconhecido de experiência de linguagem poderia (...) prover os dados de estudos em LA (...) - religião, lei, jornalismo".

---

#### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA F<sup>o</sup>, J.C.P. "The Interplay of Cohesion and Coherence in the Academic Writing of Argumentative Discourse". Tese de Doutorado, Georgetown University 1984, inédita.
- ALLWRIGHT, R.L. "Turns, topics, and tasks: patterns of participation in language learning and teaching" in D.Larsen-Freeman (org.) Discourse Analysis in Second Language Research. Rowley, Ma.: Newbury House, 1980.
- BROWN, P. e S. Levinson "Universals in Language Usage: Politeness Phenomena". in E.N. Goody (org.) Questions and Politeness: Strategies in Social Interaction. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

CAVALCANTI, M.C. "The Pragmatics of FL Reader-Text Interaction: Key Lexical Items as Source of Potential Reading Problems". Tese de Doutorado, Universidade de Lancaster, 1983, inédita.

CHOMSKY, N. "Linguistic Theory". North East Conference on the Teaching of Foreign Languages, 1966.

CORDER, S.P. Introducing Applied Linguistics. Harmondsworth: Penguin, 1973.

CRYSTAL, D. Directions in Applied Linguistics. Londres: Academic Press 1981.

Di PIETRO, R.J. Linguistics and the Professions. Norwood, NJ: Ablex, 1982.

GUMPERZ, J.J. and D. Hymes, ed. Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

KAPLAN, R.B., ed. On the Scope of Applied Linguistics. Rowley, MA: Newbury House, 1980.

KAPLAN, R.B. "Applied Linguistics: The State of the Art. Is there one?". English Teaching Forum, 23, nº 2 (Apr. 1985), 2-6.

NEWELL, A. and H.A. Simon Human Problem Solving. Englewood-Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1972.

SPOLSKY, B. "On the Scope of Linguistics, Applied and non". On the Scope of Applied Linguistics. Ed. R.B. Kaplan.

STREVENS, P. "What are Applied Linguists and What Do They Do? A British Point of View, Offered upon the Establishment of AAAL". On the Scope of Applied Linguistics. Ed. R.B. Kaplan.

THOMAS, O. Transformational Grammar and the Teacher of English. New York. Holt Rinehart and Winston, 1965.

WIDDOWSON, H.G. Teaching English as Communication. Oxford: Oxford University Press, 1978.

WIDDOWSON, H. "Applied Linguistics: The Pursuit of Relevance". On the Scope of Applied Linguistics. Ed. R.B. Kaplan.